

**Provas Especialmente Adequadas Destinadas a Avaliar a Capacidade
para a Frequência dos Cursos Superiores do Instituto Politécnico de
Leiria dos Maiores de 23 Anos**

**Prova escrita de conhecimentos específicos
de HISTÓRIA**

Instruções gerais

1. A prova é constituída por 6 grupos de questões, das quais **devem ser respondidos 4**, à escolha do candidato (**identifique claramente os grupos a que responde**);
2. A **duração da prova é de 2 horas**, estando prevista uma tolerância de 30 minutos;
3. Só pode utilizar para elaboração das suas respostas e para efectuar os rascunhos as folhas distribuídas pelo docente vigilante, salvo se previsto outro procedimento;
4. Não utilize qualquer tipo de corrector. Se necessário risque ou peça uma troca de folha;
5. Não é autorizada a utilização de quaisquer ferramentas de natureza electrónica (telemóvel, pda, computador portátil, leitores/gravadores digitais de qualquer natureza ou outros não especificados);
6. Deverá disponibilizar ao docente que está a vigiar a sala, sempre que solicitado, um documento válido de identificação (bilhete de identidade, carta de condução ou passaporte);
7. Pede-se que **leia atentamente os documentos apresentados**;

Cotação: cada Grupo de questões é pontuado em 5 valores (20 valores, no total)

Leiria, 7 de Junho de 2008.

Grupo 1

“ «Senhor rei», *Dominus Rex*, é a maneira como os inquiridores de 1258 chamam normalmente a Afonso III. Esta fórmula não é apenas um epíteto demonstrativo de veneração e respeito, é também a expressão de que consideravam o rei não só como tal, mas também como «senhor», isto é aquele que exerce um poder senhorial. Ele une, portanto, em si mesmo poderes de natureza diferente. Aqueles que se pretendem contabilizar, porém, são os senhoriais, e não, normalmente, os régios. Para os inquiridores, os segundos exercem-se noutra esfera, aquela que está justamente acima dos senhores.

De facto, no século XIII, não é preciso ser rei para cobrar as rendas dos domínios patrimoniais ou exigir serviços dos trabalhadores... (...) Não é só o rei que pode ter cavaleiros armados, presidir ao tribunal, policiar uma terra, tomar conta dos maninhos e baldios, fazer regulamento para os habitantes dos domínios ou senhorio, criar multas ou expulsar os detentores das terras.”

José Mattoso (1991), *Identificação de um País*, vol. II, Editorial Estampa, Lisboa, pp. 69-70.

1.1 Analise as afirmações do autor, atendendo ao exercício do poder senhorial e às suas limitações.

Grupo 2

“A arte gótica ao suceder à arte românica, vai modificar profundamente a posição artística (...) a doutrina arquitectónica vê-se radicalmente transformada: as formas já não são impostas à matéria. (...) aprendem, pelo contrário, a exprimir, a ordenar as leis dessa matéria, e a mais importante de todas: o peso. Foi ao estudá-lo, ao procurar eliminar a sua acção contrária à estabilidade (...) que o arquitecto gótico inventou um repertório de formas, tão novas como inesperados, aquelas a que se chamou ogivais”.

René Huyghe (1960), *A Arte e a alma*, Lisboa, Bertrand.

2.1 Analise o contexto económico e social do nascimento e desenvolvimento da arte gótica.

Grupo 3

Ao referir-se às camadas sociais de estatuto mais elevado, do início do período liberal, Maria José Ferro Tavares escreve a seguinte afirmação:

A burguesia liberal portuguesa, à semelhança das suas congéneres europeias, desejou ardentemente a nobilitação.

M^a José Ferro Tavares (coord.), *Sociedade e cultura portuguesa*,
U. Aberta, p.148.

3.1 Dê a sua opinião, fundamentada, sobre o modelo de desenvolvimento social a que o texto alude, na primeira metade do século XIX, e os efeitos por ele produzidos em Portugal.

Grupo 4

Do governo saído da Revolução de Setembro, decorreu um plano político para o desenvolvimento económico, social e cultural do país, que passou pela centralização administrativa do ensino (1836-1837).

O quadro seguinte, lembra algumas das iniciativas tomadas para a concretização desse projecto:

Criação dos liceus, um por capital de província e dois em Lisboa.
Criação de Conservatórios de Artes e Ofícios, em Lisboa e Porto
Criação das Academias Reais de Belas Artes de Lisboa e Porto.
Criação das Escolas Médico Cirúrgicas de Lisboa e Porto.
Criação da Academia Politécnica do Porto e da Escola Politécnica de Lisboa.

4.1 Integre estas acções no espírito das reformas que ocorrem no país durante o liberalismo.

Grupo 5

“A Europa devia ser a primeira a apoiar as duas propostas complementares, de uma Aliança de Civilizações (apresentada pelo chefe de Governo espanhol Rodriguez Zapatero) e do Diálogo de Civilizações (defendida pelo Presidente Kathami, do Irão, em 1998). Uma Europa consciente de que a segurança e a instabilidade a nível mundial se conseguiriam, sobretudo, através do conhecimento do outro, através do diálogo e da aliança de civilizações, essa Europa deve prevalecer, e portanto, terá de rejeitar – perante tantos incitamentos e tantos interesses – a tradicional utilização da força. Não será fácil substituir o “se queres a paz, prepara a guerra”, pelo “se queres a paz, ajuda a construí-la diariamente com o teu comportamento”.

Frederico Mayor Zaragoza,
in Mário Soares e Frederico Mayor Zaragoza,
Um Diálogo Ibérico no Contexto Europeu e Mundial,
Lisboa, Temas e Debates, 2006, p. 159

Na perspectiva de Frederico Mayor, antigo director da UNESCO, a Europa deve ter um papel fundamental na busca de um entendimento profícuo entre as Civilizações.

5.1 A que civilizações se refere o texto? Indique e caracterize sumariamente as origens do conflito que tem instabilizado o Médio Oriente.

5.2 F. Mayor fala de uma “instabilidade a nível mundial”. Aponte um exemplo dessa instabilidade e refira a respectiva origem histórica.

5.3 Parece-lhe justificado o papel que F. Mayor atribui à Europa? No projecto que conduziu à criação da União Europeia que função desempenhou a promoção da paz?

Grupo 6

“No dia da votação, ao cair da noite, a PIDE cercou a sede da candidatura do general Delgado e fez evacuar os poucos elementos da Oposição que ainda aí se encontravam. Entre estes, estava o Eng.º António Abreu, que trazia no bolso uma lista com a anotação dos resultados eleitorais recebidos pelo telefone. Esta foi-lhe arrancada e levada, para fazer parte dos arquivos da PIDE ou, mais provavelmente, para ser queimada. A partir desse dia, o povo português, repartido entre os que tomaram parte na burla, os que tiveram medo de denunciá-la e os que, querendo lavar o seu protesto, foram disso impedidos pela censura e pelo reforço das medidas de segurança impostas, regressou ao silêncio tumular a que, por um curto espaço de trinta dias, tinha sido arrancado.”

Sacuntala de Miranda, *Memórias de um Peão nos Combates pela Liberdade*, Lisboa, Edições Salamandra, 2003, p. 103.

A historiadora Sacuntala de Miranda recorda aqui um episódio importante da sua história pessoal e da história política do País.

6.1 A que acontecimento se reportam as memórias da historiadora Sacuntala de Miranda? Indique o seu significado histórico.

6.2 Comente designação feita pela historiadora da tripartição do povo português após as eleições.

6.3 Como interpreta a expressão “o povo regressou ao silêncio tumular”?